

Cultura e pós-modernidade: mediações e potencialidades

Fabio Mascaro QUERIDO¹

BARROS, José Márcio (Org.). **As mediações da cultura: arte, processo e cidadania**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2009. 200p.

É um fato consumado a ideia de que as transformações contemporâneas do capitalismo, desde meados da década de 1970, provocaram alterações significativas não somente nas formas de acumulação de capital, senão também nas relações da cultura com as outras “esferas”, por assim dizer, da totalidade social. As sociedades contemporâneas caracterizam-se, cada vez mais, por uma “imensa dilatação” da esfera da cultura, de tal forma que esta se torna uma mediação quase universal da vida social contemporânea, inclusive em seus processos econômicos. A generalização dos meios de comunicação de massa, nas últimas décadas, transformou a “cultura” em uma mediação básica das relações sociais do mundo contemporâneo, ampliando a sua dimensão “transversal”, que atravessa os múltiplos momentos de realização da vida social.

É neste contexto que se insere o livro *As mediações da cultura: arte, processo e cidadania*, organizado pelo professor da PUC Minas, José Márcio Barros (2009). Apesar da relativa diversidade temática e de perspectiva, os oito artigos que compõem o livro constituem resultados de trabalhos de pesquisa relacionados ao Grupo de Pesquisa *Cultura, Cidade e Comunicação*, do CNPq, produzidos em programas de pós-graduação da PUC Minas, da UEMG, da UFRJ e da UFMG. Neles, a cultura é compreendida como mediação e, ao mesmo tempo, como lugar de realização de outras mediações no espaço da cidade. Conforme a apresentação do livro, que introduz de forma bastante elucidativa as formas de utilização dos conceitos empregados, “A cultura aqui é tomada ela própria como mediadora para a condição plenamente humana, além de se constituir na atualidade e de forma cada vez mais complexa, em campo onde outras mediações se realizam, através de suas várias apropriações, usos e desdobramentos”².

Exatamente por isso, os artigos acentuam a natureza comunicativa da cultura e a condição ativa dos sujeitos em processo de comunicação. Na perspectiva dos estudos culturais

¹ Mestrando em Sociologia, UNESP – Araraquara. Bolsista FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). E-mail: fabiomascaro@yahoo.com.br

² BARROS, 2009, p.8.

da década de 60 na Inglaterra, inaugurados por Raymond Willians, a cultura é entendida antes de tudo como momento fundamental da construção e reconstrução de uma determinada hegemonia nas sociedades contemporâneas. Assim, “[...] as mediações da cultura e a cultura das mediações são faces de uma mesma esfera que gira de forma intensa e que percorre um amplo espectro de representações e práticas nas cidades contemporâneas desde as últimas décadas do século XX”³. A cidade é percebida como um espaço relacional em que se entrelaçam “linhas ordenadoras” – que, pelo poder público e pelas instituições, demarcam as identidades estabelecidas – e “linhas multiplicadoras” – nas quais, ao contrário, visualizam-se ações que escapam dessas configurações “oficiais”.

Mais além de sua dimensão mais propriamente socioeconômica, vinculada à possibilidade de mobilidade social, a arte e a cultura são definidas, então, como momentos fundamentais do processo de humanização, deixando, assim, de serem meros elos intermediários entre criadores e consumidores para possibilitar a promoção de rupturas com as tendências unificadoras do pensamento. Nesta concepção, a cultura passa a ser vista como um componente vital de qualquer projeto de desenvolvimento e transformação social. Como bem afirma José Márcio Barros – cujo texto “A diversidade cultural e os desafios de desenvolvimento e inclusão: por uma cultura da mudança” apresenta com muita acuidade as complexas relações entre a cultura e o desenvolvimento –, “a idéia de progresso, como processo contínuo e linear de crescimento, perdeu força frente a conceito complexo de desenvolvimento”. Em sua “dimensão transversal”, a cultura vincula-se ao desenvolvimento em todas as suas dimensões: “dimensão política, dimensão social e dimensão econômica”⁴.

No âmbito das cidades contemporâneas, a crescente urbanização das experiências artísticas coincide com a emergência de uma dinâmica urbana nova que, muito além da universalidade fixa da cidade moderna, caracteriza-se pela heterogeneidade, pelo hibridismo, pela fluidez e pelos deslocamentos permanentes. É o que se vê, por exemplo, no artigo redigido por Renata Alencar e Tailze Melo, no qual as autoras buscam entrever em duas produções estéticas contemporâneas – *Cartografia do chão*, da artista plástica Sylvia Amélia e o livro *Eles eram muito cavalos*, do escritor Luiz Ruffato – uma espécie de formalização “artística” da nova cartografia e dos novos significados da cidade contemporânea, em que “linhas heterogêneas se cruzam e se interpenetram, conectando representações, tempos e práticas”⁵.

³ BARROS, 2009, p.9

⁴ Idem, p.32.

⁵ Idem, p.16.

Neste contexto, quais as potencialidades da arte e da cultura como mediação para projetos de engajamento social, principalmente nas favelas e nas periferias das cidades contemporâneas? É o que se propõem a responder, a partir de diferentes perspectivas e eixos temáticos, os textos de Fayga Moreira, de Diego Henrique Ribeiro, Miguel Renato de Almeida e de Clarice Libânio. No seu artigo intitulado “Notas sobre um diagrama: projetos socioculturais e comunicação em favelas e periferias”, Moreira assinala a emergência da comunicação, no mundo contemporâneo, como uma “nova questão social”, que atravessa os processos de significação e de conflitos sociais. Assim, ao mesmo tempo em que contribuem para a reprodução da hegemonia estabelecida, as práticas e discursos comunicacionais “podem ser direcionados a favor do pluralismo cultural”⁶. Especialmente nas favelas e nas periferias das grandes cidades (Belo Horizonte, no caso concreto), a apropriação dos veículos de comunicação pode desencadear a construção de formas alternativas de sociabilidade, contribuindo para a manifestação de processos de “singularização”, que obstruem as significações e as identidades pré-estabelecidas.

Em “Grupo NUC: o dizer e o fazer de uma periferia”, Diego Ribeiro busca compreender as formas pelas quais o grupo em questão – cujo foco de atuação é o bairro Alto da Vera Cruz, na periferia da região leste de Belo Horizonte – se apropria das práticas e dos discursos do mercado cultural, fornecendo-lhes novos direcionamentos e perspectivas, que apontam para a possibilidade de resistência, e não só de submissão, como sugeria a clássica análise de Adorno e Horkheimer sobre a indústria cultural. Inspirando-se nos conceitos de estratégia (que contribui para o fortalecimento do discurso e das instituições hegemônicas), e de tática (que propicia a possibilidade de burlar os sistemas instaurados), de Michel de Certeau, o autor identifica no desenvolvimento do Grupo NUC uma tensão e retroalimentação permanente entre estas duas práticas, ou, como ele afirma ao final do texto, um “movimento pendular entre estratégia e tática”⁷.

Em perspectiva complementar, os artigos de Miguel Renato de Almeida (“Cultura como mediação: configurações territoriais e juventude na favela”) e de Clarice Libânio (“Grupo do Beco: um olhar sobre as conexões entre arte, cultura e transformação nas favelas de Belo Horizonte”) discorrem sobre a importância da arte e da cultura na construção de novas formas de socialização e convivência grupal. Partindo dos grupos artístico-culturais do Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, Renato de Almeida problematiza os processos de ressignificação simbólica do uso dos espaços públicos pelas atividades socioculturais da

⁶ BARROS, 2009, p.44.

⁷ Idem, p.85.

juventude da região, que estabelecem em seus ambientes “novas relações sociais, seja para o lazer, seja para a constituição simbólica de sua identidade, em contraposição ao poder das quadrilhas do tráfico de drogas”⁸. O texto de Clarice Libânio, por sua vez, analisa a crescente “instrumentalização da arte e da cultura como fatores de transformação pessoal e coletiva”⁹. Tendo como referência empírica o *Grupo de Beco*, grupo de teatro de moradores da Barragem Santa Lúcia, em Belo Horizonte, Libânio nos mostra como os movimentos socioculturais vêm substituindo nas favelas, desde meados da década de 1990, as formas tradicionais de participação política e social (como as entidades comunitárias, associações de bairros e pastorais da Igreja Católica).

Em face de um quadro histórico caracterizado pelo “esmaecimento dos laços sociais”, Isabel Cristina Brandão debate a crescente importância conferida à arte e à cultura nos processos de recomposição dos vínculos sociais, na contramão da lógica atomista e individualista do mercado. Analisando concretamente o projeto de inclusão social *BH Cidadania*, instituído pela Fundação Municipal de Cultura, da Prefeitura de Belo Horizonte, a autora assinala a possibilidade de que a arte e cultura se constituam em “um meio de promover o encontro ou reencontro dos homens com a linguagem e, então, desses entre si”¹⁰. Já o artigo de Ana Patrícia dos Santos, “Arte e as artes no trabalho sociocultural: estudo das ações e representações em ONGs mineiras”, que fecha o livro, pretende fornecer “elementos de reflexão e debate sobre o fenômeno de utilização da arte em uma variedade de contextos e configurações”¹¹, principalmente nos projetos sociais desenvolvidos por quatro ONGs da região metropolitana de Belo Horizonte: *Viva*, *Associação Cultural Tambolelê*, *Memória Gráfica* e *Corpo Cidadão*. O texto fundamenta-se nas conexões entre arte, educação e sociedade, de forma a revelar a relação entre conceitos, representações e práticas.

Eis aí, portanto, algumas razões que comprovam a importância do livro em questão. Em comum, os textos compõem uma tentativa de vislumbrar as potencialidades “libertárias”, digamos assim, que se abrem nos processos contemporâneos de produção e recepção da cultura: se contém um elemento de reificação, vinculado ao predomínio do valor de troca no mundo capitalista, a cultura como mediação ativa dos sujeitos sociais é portadora igualmente de uma dimensão *utópica*, capaz de contribuir para a formação de impulsos contra-hegemônicos, em contraposição à lógica perversa do atomismo mercantil – algo que se pode

⁸ BARROS, 2009, p.106.

⁹ Idem, p.112.

¹⁰ Idem, p.148.

¹¹ Idem, p.173.

ver especialmente nos artigos que versam sobre as novas formas de socialização nas favelas de BH. Resta ver, ainda, o quanto mesmo estes impulsos genuínos não estão sendo mais uma vez capturados pelas novas características do capitalismo contemporâneo. Afinal de contas, em alguma medida, a manifestação da diferença, da heterogeneidade e do hibridismo, que quebram o círculo vicioso das identidades homogêneas pressupostas, constitui tão-somente a lógica cultural que acompanha o movimento do próprio capitalismo contemporâneo, cada vez mais “disposto”, por assim dizer, a incorporar uma concepção mais flexível e fluida da vida social e cultural.